

**OFICINAS DE TEXTO: APRENDIZAGEM NO DESENVOLVIMENTO DA
COMPETÊNCIA ESCRITORA EM UM PROJETO INTERDISCIPLINAR DO
PROJETO OBSERVATÓRIO DA EDUCAÇÃO/POE/CAPES**



*Maria do Socorro da Costa Viana¹
Edilson Moraes e Silva²
Ierecé dos Santos Barbosa³*

Resumo

Trata-se de uma pesquisa cujo objetivo central é investigar a competência escritora de alunos de uma Escola Pública do Município de Manaus. O percurso metodológico centrou-se num estudo fenomenológico, tendo como suporte a pesquisa qualitativa, tanto de cunho investigativo como interventivo. A população de investigados é de 38 alunos,

¹Graduada em Licenciatura em letras (Centro Universitário do Norte, UNINORTE); Graduada em Ciências econômicas (Universidade Nilton Lins, UNINILTON); Especialista em Metodologia do Ensino Superior (Centro Universitário Nilton Lins); Mestranda do PPGECAM- Programa de Pós-graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia (Universidade do Estado do Amazonas - UEA), Brasil. E-mail: mariasocorrromil@hotmail.com.

² Graduado em Licenciatura Plena em Educação Física (Faculdade La Salle – Manaus); Pós-graduado em Docência Universitária (Faculdade La Salle – Manaus); Mestrando do PPGECAM- Programa de Pós-graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia (Universidade do Estado do Amazonas - UEA), Brasil. E-mail: edilsongadita@yahoo.com.br

³ Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará; Graduada em Comunicação Social pela Universidade do Amazonas; Mestre em Comunicação e Educação pela Universidade do Amazonas; Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Psicanalista clínica; Professora da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e do Centro Universitario do Norte (UNINORTE), Brasil. E-mail: ierecebarbosa@yahoo.com.br

pertencentes ao oitavo ano do Ensino Fundamental. Buscou-se fundamentos para o estudo nas obras de Fazenda (2011), Japiassu (1976), Koch (2006), Dionísio, Machado e Bezerra (2005). Tal investigação faz parte do Projeto Observatório de Educação - POE, pertencente ao Grupo de Pesquisa da Universidade do Estado do Amazonas. Os estudos até o presente momento, já mostram sinais de que é necessário um esforço conjunto, daí partir-se para uma estratégia interdisciplinar, na qual estão em processo simultâneo de investigação, a Língua Portuguesa, a Matemática e a Ciência.

Palavras-chave: Aprendizagem. Competência escritora. Interdisciplinaridade.

Abstract

It is a research whose main objective is to investigate the writing competence of students of a Public School of the Municipality of Manaus. The methodological course was centered in a phenomenological study, supported by qualitative research, both investigative and interventional. The population of investigated is 38 students, belonging to the eighth year of Elementary School. Fundamentals were sought for the study of Fazenda (2011), Japiassu (1976), Koch (2006), Dionísio, Machado and Bezerra (2005). This research is part of the Observatory Education Project - POE, belonging to the Research Group of the State University of Amazonas. The studies up to the present moment, already show signs that a joint effort is necessary, from there starting to an interdisciplinary strategy, in which they are in simultaneous process of investigation, Portuguese Language, Mathematics and Science.

Keywords: Learning. Writer's competence. Interdisciplinarity.

Compreendendo os caminhos da pesquisa

Há muitas interrogações em torno da competência escritora dos alunos, especialmente, os da escola pública. Vários estudos mostram a relevância da leitura nesse processo. Assim, compreende-se que desenvolver a competência escritora requer estimular os alunos ao universo da leitura, a fim de que por meio desta, possam compreender o mundo em que vivem e assim poderem, representar a voz de sua geração por meio de textos criativos e originais, elementos imprescindíveis para competência escritora.

Desse modo, indagações em torno do desenvolvimento das competências leitora e escritora logo vêm à tona. Antes, porém, se fez necessário compreender ainda o que vem a ser aprendizagem? Como se aprende? Porque os alunos conseguem expor verbalmente e não conseguem organizar as idéias no papel?

A seção seguinte foi nessa direção, formar bases sólidas para as análises subsequentes, no entanto, com a serenidade suficiente para compreender o caminho longo a ser percorrido em busca de possíveis soluções. Assim, iniciamos nossas bases pela aprendizagem, já que esta percorre todo o estudo.

Outro assunto abordado é a interdisciplinaridade, visto ser proposta do Projeto Observatório da Educação-POE, para a aplicação das estratégias de aprendizagem.

Por fim, voltamo-nos à competência escritora, desde sua etimologia até a semântica que é compreendida no contexto educacional deste século.

Percorridos os caminhos das bases, um diagnóstico foi aplicado, objetivando traçar estratégias para o avanço da competência escritora.

Após várias reuniões para traçar as estratégias, iniciou-se a intervenção, dividindo os trabalhos com foco nos descritores identificados em pesquisa pelo Projeto Observatório da Educação- POE: localizar informações explícitas no texto, identificar efeitos de ironia e humor em textos variados, estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios etc.

Seguindo esse raciocínio, o grupo interdisciplinar, fazendo uso de uma pesquisa participante, na qual se repensou várias vezes o plano de ação, devido o inusitado provocar reflexões sobre a eficácia ou não das estratégias aplicadas.

O que é aprendizagem e como se aprende

A base teórica partiu inicialmente dos estudos sobre a aprendizagem, valendo-se da obra de Campos (2011) por fazer uma abordagem da aprendizagem desde a antiguidade até a pós-modernidade.



Ao tratar do termo aprendizagem, necessário se faz nos reportarmos aos grandes estudiosos da área, especialmente, da área de letras, já que nosso tema volta-se para a competência escritora de alunos do nono ano.

Na antiguidade, a aprendizagem passou por vários estágios. Em Sócrates a aprendizagem consiste em desenvolver habilidades inatas, já que para ele, o conhecimento é pré-existente, não dependendo das relações humanas ou sociais.

Já em Platão a aprendizagem seria uma reminiscência, em vista de considerar uma dualidade entre corpo e alma, em que a última traria à tona lembranças de vivências passadas.

Com Aristóteles entra-se no mundo científico, já que rejeitou qualquer possibilidade de pré-existência do conhecimento. Introduziu o método indutivo e dedutivo, fazendo observações e experimentos, para provar que qualquer conhecimento estaria relacionado às formas de sentir do ser humano. Dos estudos do método indutivo, Santo Agostinho fez bastante uso, ao adotar a introspecção a fim de registrar suas próprias experiências mentais.

Santo Tomás de Aquino reconhece como fator imprescindível a ação individual, aí a ciência começa a investigar o sujeito ativo, não mais à mercê da sorte ou da ação do outro. Para ele a aprendizagem se dá a partir de três fatores: inteligência, autoatividade e dinamismo.

Seguindo ainda o método indutivo Juan Luis Vives, persiste na filosofia e na psicologia.

Muito embora o método indutivo defendido por esses autores revelasse uma profunda preocupação com o desenvolvimento humano, por muito tempo, foram considerados exceções, dado que por toda a Idade Média e início dos tempos modernos, o foco na educação permanecia sendo teórico e teológico (CAMPOS, 2011).

Na modernidade, o campo se aproxima de verdades baseadas na lógica e no senso-percepção. Pensadores como Copérnico, Bacon, Galileu, Descartes, Locke dentre outros são exemplos da utilização da observação, experimentação, classificação e medição dos eventos, como técnicas para predição e análise destes, dando início assim, às modernas concepções de aprendizagem.

No Brasil, Rui Barbosa traduz o movimento do “método intuitivo” que consiste em valorizar a intuição como fundamento de todo o conhecimento, reiterando o postulado de Pestalozzi que compreende a aquisição do conhecimento a partir dos sentidos e da observação.

O longo caminho percorrido no sentido de se compreender como se aprende ganhou sentido por meio da psicologia pedagógica moderna, a qual tem como precursores Herbart, Binet, Dewey, Thorndike, Claparède e Piaget; os reflexilogistas como Pavlov e Bechterev; o behavioristas, como Watson e Lashley; os gestaltistas, como Kffka, Köhler e Wertheimer (CAMPOS, 2011).

Estreitando os caminhos para a área da linguagem, em vista de esta ser componente imprescindível para a aprendizagem, reportar-nos-emos à perspectiva sociointeracionista a qual parte da premissa de que o ser humano aprende à medida que interage com e nos grupos sociais, atuando no mundo em que vive e por isso pode modificá-lo (PALOMARES e BRAVIN, 2012).

A concepção de linguagem, pois, considerou o discurso e sua interação, a fim de que se pudesse perceber não só as problemáticas que envolvem a escrita, mas também as possíveis causas.



Nas entrelinhas do texto

Os mistérios do texto, as dificuldades da escrita, os enigmas que envolvem a escrita. Essas e muitas outras são frases de efeito que carregam um sentido de terror para quem desenvolve um texto.

Assim, o estigma de que escrever é difícil acompanha o estudante desde as primeiras letras traçadas. Imagine-se a situação de uma criança desmontar todas as letras da palavra “chocolate” que já saboreou várias vezes e agora, descobre que ela possui vários símbolos para que seja reconhecida.

Essa é apenas uma entre várias dificuldades pelas quais o estudante passa até compreender que só os grafemas juntos não farão grande diferença num texto, se eles não formarem um sentido, se eles não contiverem uma conexão de idéias, uma unidade temática.

A estrada é longa, a literatura é vasta, optou-se por adotar a visão discursivo-interacionista, por se tratar daquela que está em consonância com a proposta do Projeto Observatório da Educação/PO, o qual traz como base o Plano de desenvolvimento da Educação (PDE).

Segundo o Plano de Desenvolvimento da Educação a aprendizagem da Língua Portuguesa na escola deve seguir a perspectiva discursivo-interacionista que se contrapõe à concepção tradicional, a qual propunha uma aprendizagem “calcada na memorização (listas de coletivos, adjetivos, conjugação de verbos, regras de concordância, pontuação, entre outras) ou na exploração da metalinguagem (classificação de termos e de funções).” (BRASIL, 2008, p. 21).

Na perspectiva discursivo-interacionista “a língua é uma atividade interativa, inserida no universo das práticas sociais e discursivas, envolvendo interlocutores e propósitos comunicativos determinados e realiza-se sob forma de textos [...]” (BRASIL, 2008, p. 21)

Nessa perspectiva a concepção de sujeito passa a ser psicossocial, cabendo a este uma ação ativa, a qual reproduz o social, à medida que sua ação é reflexiva em dado momento e em outros passa a agir como ator, dependendo das imagens e representações que internaliza em suas relações com o outro (KOCH, 2006).

Essas relações são representadas nos textos que são socializados nas mais diversas esferas e comunidades de letrados, daí a relevância do contato com gêneros diversos de textos para uma maior possibilidade de compreensão do mundo e da ideologia o envolve.

Vê-se, portanto, a ênfase que deve ser dada a textos reais, em vista de se priorizar as práticas sociais. Deste modo a sala de aula, segundo essa visão, deverá apropriar-se de textos que façam parte da vivência dos alunos, sendo imprescindível para o docente a pesquisa sobre os textos mais utilizados pela demanda a qual irá trabalhar.

O ambiente de aprendizagem, pois, deve conter os mais variados temas, gêneros e tipos textuais, a fim de que o sujeito possa acionar a memória discursiva para a construção de sentido numa rede de informações.

Segundo esse raciocínio, cabe levar-se em conta o papel do docente que pensa a leitura e a escrita dentro de um trabalho interdisciplinar, em vista de este oferecer-lhe valiosa contribuição na construção das imagens e representações, tão importantes para a produção textual. Passaremos a compreender melhor o trabalho interdisciplinar a partir do próximo item, o qual terá como objetivo, não só dar uma visão segundo autores renomados, bem como oferecer um momento de crescimento enquanto leitores.



Interdisciplinaridade: recurso para uma aprendizagem globalizada

Compreender a interdisciplinaridade incide desafiar a si mesmo, ousar e aceitar o novo, como descoberta. Deste modo, é importante buscar-se bases nos teóricos renomados, esclarecendo melhor as dificuldades encontradas quanto ao percurso e suas várias facetas.

Para Japiassu (1976, p.42)

[...] a metodologia interdisciplinar irá exigir de nós uma reflexão mais profunda e mais inovadora sobre o próprio conceito de ciência e de filosofia, obrigando-nos a desinstalar-nos de nossas posições acadêmicas tradicionais, das situações adquiridas, e a abrir-nos para perspectivas e caminhos novos.

Esse é o maior desafio da interdisciplinaridade, sair da zona de conforto e estar disposto a aprender sem amarras, em vista de nossa educação ser centrada nas certezas, nas fragmentações.

Isso não necessariamente significa desconsiderar as disciplinas, o conhecimento centrado na fragmentação, mas tão somente, agregar uma nova forma de aprender, que valoriza o todo, um universo no qual os saberes são interdependentes e complementares.

Para que isso ocorra, os sujeitos envolvidos em um projeto interdisciplinar devem dominar competências imprescindíveis à eficácia das ações, sob pena de comprometer todo o projeto.

Ao mencionar os obstáculos a que está sujeito um projeto interdisciplinar Japiassu (1976) cita dois aspectos que merecem ser explicitados, já que se observa, claramente, na pesquisa, tais dificuldades.

São elas a necessidade de conceitualização e as relações dialógicas entre os pares. Esta última, perpassa por todo o processo de investigação, uma vez que o confronto entre saberes e construções ideológicas exercem um papel, por muitas vezes, conflituoso, exigindo dos especialistas

maturidade e humildade científica, a fim de se verem num processo de construção.

Os obstáculos epistemológicos se evidenciam continuamente, na resistência dos especialistas, na inércia das instituições que insistem em perpetuar a fragmentação do saber, e, finalmente, a pedagogia que analisa o resultado, não o processo, as relações imbricadas entre as ciências humanas e naturais (JAPIASSU, 1976).

A respeito dessa dificuldade de fazer-se interdisciplinar Fazenda (2011, p. 31) também comenta:

Em todos os professores portadores de uma atitude interdisciplinar encontramos a marca da *resistência* que os impede de lutar contra a acomodação, embora em vários momentos pensem em desistir da luta. Duas dicotomias marcam suas histórias de vida: *luta/resistência* e *solidão/desejo de encontro*.

Nesse contexto, muitas vezes, a luta entre os pares ainda é mais difícil do que mesmo com a gestão e estrutura pedagógica ou políticas públicas, em vista de o comodismo, a apatia tomarem conta do ambiente escolar, dada batalha que têm que travar, desde a aceitação dos alunos até a inércia de professores apagados pelo capitalismo, pela falta de reconhecimento, entre outras questões que comprometem um trabalho interdisciplinar.

Compreendendo a construção interdisciplinar como um processo e não a partir de um conceito, é procedente abordar-se a linguagem nessa perspectiva, em vista de atravessar todos os saberes, ao ponto de não ser possível estabelecer relações, compreender a diversidade, nem, por conseguinte, solucionar problemas.

Assim, a leitura e a escrita são subsídios para a apreensão de qualquer disciplina. Isto ocorre devido à organização das informações que são armazenadas, segundo Zilberman e Silva (2004), devido à organização



dos conhecimentos na memória que se fazem, em forma de esquemas que se estruturam sistematicamente por meio de nossas vivências as quais representam não somente os fatos, mas como foram experienciados no convívio social. É por esse arquivo que selecionamos estruturas frasais e as representamos em nossos textos.

Deste modo, vê-se a relevância de se oportunizar a maior diversidade possível de gêneros e tipos textuais, a fim de que o falante ou autor textual se aproprie destes modelos e crie, conseqüentemente, o seu próprio estilo.

Seguindo o esse raciocínio, Zilberman e Silva (2004) tratando da leitura, criticam as fórmulas baseadas apenas em exercícios mecânicos e sem significado os quais podem bloquear o processo de aprendizagem da leitura, uma vez que não oferecem desafios.

Valendo-se dessa compreensão, nossa metodologia teve como base a teoria discursivointeracionista, fazendo uso de oficinas de produção de texto, percurso que será explicitado no próximo tópico.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa ancorou-se em uma visão fenomenológica, partindo de um procedimento qualitativo, tendo como objeto de investigação, a aprendizagem no desenvolvimento da competência escritora de alunos do oitavo ano da escola Estadual Arthur Araújo, o qual faz parte de Projeto Observatório de Ensino - POE que tem como uma das finalidades o auxílio para o desenvolvimento da competência leitora e escritora dos alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental da Escola Arthur Araújo, desenvolve um projeto de investigação que atenda a essas expectativas; quanto aos sujeitos da pesquisa se tratam de alunos, atores das produções de textos, pertencentes ao 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Arthur Araújo. A população foi de 36 alunos. Utilizamos como

técnica para a coleta de dados oficinas de produção de texto, fazendo-se, primeiro um diagnóstico, depois a aplicação de estratégias interventivas e por fim a aplicação de oficinas para a verificação dos resultados de avanços ou não da competência escritora dos alunos. Por fim, realizamos a análise dos dados, tendo por base a perspectiva discursivointeracionista (BRASIL, 2008).

Discussão da pesquisa

Após a discussão em várias reuniões sobre as estratégias e o papel de cada um no grupo de pesquisa, passou-se para a aplicação destas. Sendo uma pesquisa de natureza interdisciplinar, os momentos de reuniões para a montagem das estratégias eram muito ricos, em vista da contribuição de cada um para a montagem das oficinas de textos. As primeiras reuniões apresentaram confronto, em vista da dificuldade de se trabalhar simultaneamente conteúdos de Língua Portuguesa, Matemática e Ciências. Foi um momento de crescimento para todo o grupo. Já na fase da aplicação, o grupo tornou-se mais homogêneo, em razão de já vislumbrar possibilidades de desenvolvimento de estratégias interdisciplinares. Tudo em vista as leituras realizadas, às quais, paulatinamente, foram assentando novos conhecimentos e novas perspectivas, trazendo o que Japiassú (1976) chamou de cientista interdisciplinar, em que o profissional deverá participar da nova consciência e da nova pedagogia. Sentimos que nossos olhares, já não eram reveladores de críticas ingênuas, mas de sugestões criativas com foco na solução da problemática maior, desenvolvimento da competência leitora e escritora. Até a presente data, realizaram-se dez oficinas. Vale salientar que estas foram montadas, seguindo uma rotina de avaliação do trabalho a cada estratégia aplicada. Utilizaram-se aulas expositivas e dialogadas, jogos, vídeos, oficinas de produção de texto. Ainda estamos em processo de análise dos dados, porém já vislumbramos sinais de que é



possível promover a competência leitora e escritora sob uma perspectiva interdisciplinar, mesmo enfrentando desafios já mencionados, tanto de construção epistemológica, quanto no que tange ao próprio contexto escolar, em que os alunos parecem não mais acreditar que a educação é um instrumento de libertação.

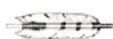
Resultados Parciais

Ao longo do desenvolvimento das oficinas, chegamos a algumas conclusões importantes: as dificuldades diárias enfrentadas pelo corpo docente, o desafio do trabalho em equipe e a riqueza de conhecimento agregado ao se realizar trabalhos interdisciplinares. Já na primeira oficina, com a apresentação de um sarau, no qual se trabalhou músicas regionais, observaram-se as dificuldades a serem enfrentadas no cotidiano do professor que incluíam desde a concentração dos alunos, pré-requisito básico para a aprendizagem, até a participação destes, quando provocados nas discussões. Quanto aos desafios do trabalho em equipe, pode-se destacar a dificuldade que se teve para integrar os professores da escola no planejamento e participação das oficinas, o que, não impediu que a pesquisa caminhasse, exigindo do grupo de pesquisadores um maior tempo para pesquisar os conteúdos trabalhados nas oficinas. Porém, o sarau foi de grande valia para a aceitação do projeto, visto que se trabalharam músicas e poesias relacionadas ao contexto regional e à idade série dos alunos, fato que muito contribuiu para que o primeiro encontro fosse descontraído e ao mesmo tempo rico de conteúdo. Desta oficina, obteve-se um diagnóstico da turma por meio dos textos dos alunos, um fragmento da dificuldade de trabalhar o planejamento participativo, bem como os desafios do trabalho interdisciplinar; o que norteou as estratégias subsequentes. Pôde-se detectar no diagnóstico que a turma precisava ser orientada quanto á ortografia, gramaticalidade, textualidade e discursividade. A segunda oficina, apoiando-

nos no que nos diz Dionísio, Machado e Bezerra (2005) sobre o trabalho com gêneros, foram distribuídos vários gêneros textuais (fábula, poesia, texto informativo, texto didático, tirinhas, charges, email, facebook) solicitou-se que os alunos reconhecessem os textos que haviam recebido, dizendo sua finalidade e funcionalidade, o que confirmou as palavras de Koch (2006) em que destaca que em tese, sabemos a funcionalidade e finalidade dos textos circuláveis socialmente, uma vez que os alunos, quando questionados, na maior parte dos gêneros, demonstraram conhecer sua funcionalidade e finalidade, embora no que tange às tirinhas e charges, demonstraram-se inseguros para responder.

Outro aspecto que nos chamou a atenção foi a falta de concentração dos alunos que dificultou o trabalho de interação, bem como a retenção das informações. Após avaliação da segunda oficina, vários pontos foram acordados pela equipe: seria preciso estabelecer regras com os alunos sobre a necessidade de estarem atentos às informações passadas nas oficinas, uma vez que ficou latente a agitação dos alunos ao longo da oficina, dificultando sobremaneira o desenvolvimento do roteiro previamente preparado; deveria ser dada uma atenção maior à interação, visto que os alunos ainda se mostravam tímidos ao serem abordados para participarem com seus conhecimentos prévios; precisávamos mergulhar nas leituras sobre o trabalho interdisciplinar, em razão de o trabalho permanecer em zonas isoladas. Deste modo, a terceira oficina destinou-se a corrigir as falhas apontadas na segunda.

Acordamos com os alunos a necessidade de não usarem celulares durante o desenvolvimento das oficinas, estarem atentos às informações, bem como esclarecemos a necessidade de avançarem no que tange à leitura e à escrita, em vista de servirem como subsídio para a aprendizagem das demais disciplinas, feito o estabelecimento de regras, solicitamos que os alunos, produzissem uma paródia da música “Ana Júlia” do grupo Los Hermanos, trabalhada no Sarau. Embora tenhamos frisado a relevância da



produção escrita, os resultados não foram tão positivos quanto esperávamos, por motivos que em nossas análises ficaram claros: o fato de termos estabelecido regras e depois termos passado uma atividade intimidou os alunos de tal modo que poucos conseguiram desenvolver o texto; os alunos não sabiam do que se tratava uma paródia, daí a dificuldade de produzi-la; ainda era difícil para eles desenvolverem textos originais e criativos.

Na avaliação da oficina, chegamos à conclusão de que as atividades deveriam priorizar um tempo maior à realização das produções de texto em sala, porém em nossas tímidas e intimistas reflexões, sentíamos as dificuldades de os alunos escreverem as linhas de que tanto necessitávamos para as análises das entrelinhas. A quarta oficina nos revelou o que em nossas reflexões prevíamos, poucos alunos trouxeram a atividade proposta, que era produzir a paródia. Tivemos que retomar o assunto, esclarecendo o que seria uma paródia, a fim de que realizassem a atividade com maior tranquilidade. Distribuímos as folhas para os alunos e estes, de posse das informações foram paulatinamente conseguindo desenvolver os textos.

Os resultados demonstraram que as atividades deveriam ser realizadas em sala, tanto devido à infrequência dos alunos, como pelo fato de estes não estarem habituados a levarem atividades para desenvolverem em casa; o processo de alfabetização ainda é uma problemática da sala de aula, em razão de os alunos cometerem incorreções que se configuram como simples (“M” antes de “P” e “B”, uso de letras maiúsculas em início de frases), a paródia ainda é um gênero pouco conhecido pelos alunos, embora bastante divulgado, uma vez que a maior parte dos alunos desenvolveu paráfrases e não paródias, em vista de não incluírem o humor como um dos pré-requisitos, quanto à discursividade, os textos, em sua maioria, não demonstraram pertinência ao tema, uma vez que desconheciam as características de uma paródia que confundiram com



paráfrase; porém apresentaram uniformidade nas ideias apresentadas no texto; o lugar comum ainda é recorrente, destacando-se apenas um aluno que desenvolveu um texto mais intimista, embora fugisse à proposta do tema, em geral, os textos revelaram inquietações quanto ao futuro, dificuldades em lidar com conteúdos de matemática e Língua Portuguesa, bem como os amores aflorando, devido a idade.

As reflexões em conjunto, apontaram para um trabalho mais intenso quanto à construção do conceito de ironia e humor, já que, por meio da paródia, ainda não havíamos conseguido alcançar nossos objetivos. Decidimos, então, partir para um recurso áudio visual que trouxesse como conteúdo a matemática ou a ciência, o que talvez, pudesse trazer um resultado mais positivo. As demais oficinas inda estão em processo de análise. Até a presente data, o que nos chama a atenção é o inusitado no processo de investigação. Estamos sempre investigando e, há sempre um fato novo que requer um olhar de parceria e companheirismo, trazendo um crescimento valioso para todos os participantes.

Considerações Finais

Ao longo da pesquisa que se dividiu em planejamento, aplicação de estratégias e avaliação destas. Detectamos os pontos supracitados que, a nosso ver, merecem um olhar de humildade científica, a fim de reconhecermos falhas que serão imprescindíveis para continuarmos acreditando em um ensino interdisciplinar que contemple o cruzamento dos vários saberes.

No que tange ao desenvolvimento das oficinas, a dificuldade de interação, bem como a falta de interesse merecem lugar de destaque, uma vez que, por muitas vezes, no planejamento, ficávamos horas selecionando textos e temas que despertassem o interesse e que pudessem melhorar o



filtro da relação professor e alunos a qual se encontrava comprometida, devido a agitação de um número considerável de discentes.

É imprescindível, portanto, uma formação docente crítica e criativa, priorizando a bagagem de conhecimento dos alunos, sua realidade sociocultural, porém sem esquecer dos seus objetivos enquanto educador.

Deste modo, o Ensino de Língua Portuguesa oferece uma oportunidade para a realização de um trabalho interdisciplinar, à medida que ela traduz-se como base para a retenção de quaisquer conhecimentos. Vê-se, pois, uma luz no fim do túnel que pode contribuir para um ensino voltado para o que o aluno sente necessidade de aprender e não o que supomos que ele necessita.

Referências

BRASIL. PDE/Prova Brasil. *Ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores*. Brasília: MEC/SEB/INEP, 2008.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. *Psicologia da Aprendizagem*. 39. Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais e Ensino*. 4.ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2005

FAZENDA, Ivani C. Arantes. *Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa*. 18. Ed. São Paulo: Papirus, 2011.

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Copirraite, 1976.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PALOMANES, Roza; BRAVIN, Angela Maria (Orgs.). *Práticas de Ensino do Português*. São Paulo: Contexto, 2012.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro de. *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004.